

SEÇÃO: ARTIGOS

POTENCIALIDADES E DESAFIOS DE UM ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM FISIOTERAPIA: PERCEPÇÕES DE UM ESTAGIÁRIO

Erivaldo Santos de Lima¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo relatar as potencialidades e os desafios observados por um estudante durante o estágio curricular obrigatório em um curso de graduação em Fisioterapia de uma Instituição pública do Nordeste. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência em que se utilizou da observação e do diário de campo como ferramentas metodológicas. Destacaram-se como potencialidades o início de uma movimentação entre docentes e estagiários para a mudança de abordagem ao paciente, de um modelo ainda centrado na reabilitação para um modelo de funcionalidade e valorização dos determinantes sociais em saúde, e, ainda, a indissociabilidade da educação em saúde da prática do estágio nos cenários de aprendizagem da vivência. Como principal desafio, apontam-se as lacunas pedagógicas na formação do fisioterapeuta para o exercício da docência ou preceptoria, o que parece ir de encontro a competências, habilidades e atitudes almejadas para a formação e postas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Fisioterapia.

Palavras-chave: Estágio clínico. Educação superior. Formação profissional.

Como citar este documento – ABNT

LIMA, Erivaldo Santos de. Potencialidades e desafios de um estágio curricular obrigatório em Fisioterapia: percepções de um estagiário. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 10, e021257, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2020.21257>.

Recebido em: 28/05/2020
Aprovado em: 14/07/2020
Publicado em: 04/11/2020

¹ Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), Maceió, AL, Brasil.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2561-5867>. E-mail: erivaldolimah@gmail.com.

POTENCIALIDADES Y DESAFÍOS DE UNA PASANTÍA CURRICULAR OBLIGATORIA EN FISIOTERAPIA: PERCEPCIONES DE UN PASANTE

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo informar el potencial y los desafíos observados por un estudiante durante la pasantía curricular obligatoria en un curso de pregrado en Fisioterapia en una institución pública en el Noreste. Es un estudio descriptivo del tipo de informe de experiencia en el que la observación y el diario de campo se utilizaron como herramientas metodológicas. Los potenciales se destacaron como el comienzo de un movimiento entre maestros y pasantes para cambiar el enfoque hacia el paciente, de un modelo aún enfocado en la rehabilitación a un modelo de funcionalidad y valorización de los determinantes sociales en salud y, aún, la inseparabilidad de la educación en salud de la práctica de la pasantía en los escenarios de aprendizaje de la experiencia. Como desafío principal, se señalan las brechas pedagógicas en la capacitación del fisioterapeuta para el ejercicio de la enseñanza o la preceptoría, lo que parece contradecir las competencias, habilidades y actitudes deseadas para la capacitación establecidas por las Pautas Curriculares Nacionales de los cursos de Fisioterapia.

Palabras clave: Prácticas clínicas. Educación superior. Formación profesional.

POTENTIALITIES AND CHALLENGES OF A MANDATORY CURRICULAR INTERNSHIP IN PHYSIOTHERAPY: PERCEPTIONS OF AN INTERN

ABSTRACT

The article aims to report the potentialities and challenges observed by a student during the mandatory curricular internship in an undergraduate course in Physiotherapy at a public institution in the Northeast of Brazil. It is a descriptive study (experience report) in which the observation and the field diary were used as methodological tools. Potentials stood out as the beginning of a movement between teachers and interns to change the approach to the patient, from a model still focused on rehabilitation to a model of functionality and appreciation of social determinants in health and, still, the inseparability of education in Health from the internship practice in the learning scenarios of the experience. As a main challenge, the pedagogical gaps in the training of the physiotherapist for the exercise of teaching are pointed out, which seems to go against the competences, skills and attitudes desired for the training and set by the National Curricular Guidelines of the Physiotherapy courses.

Keywords: Clinical internship. Higher education. Professional training.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Lei nº 11.788, de 2008, o estágio pode ser classificado como obrigatório e não obrigatório. O obrigatório é aquele que acontece como pré-requisito para a formação acadêmica, e o não obrigatório, ou extracurricular, como fim de complementação e aperfeiçoamento de competências e habilidades, sendo opcional. Ambas as modalidades devem ser supervisionadas por profissional responsável e não devem exceder a carga horária de 30h semanais (BRASIL, 2008).

O curso de Fisioterapia, além da observância à Lei nº 11.788, de 2008, dispõe de resoluções específicas para o estágio obrigatório (Resolução nº 431, de 27 de setembro de 2013) e não obrigatório (Resolução nº 432, de 27 de setembro de 2013) (COFFITO, 2013a; 2013b). Além dessas normativas, as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Fisioterapia (DCN/Fisioterapia), que foram instituídas em 2002 pelo Conselho Nacional de Educação, também versam sobre o estágio (BRASIL, 2002).

Conforme as DCN/Fisioterapia, esse componente curricular obrigatório deve corresponder ao mínimo de 20% da carga horária do curso. Além disso, deve garantir a diversidade de intervenções (preventivas e reabilitadoras) em cenários de prática da atenção primária, secundária e terciária em saúde (BRASIL, 2002).

Bispo Júnior (2010), ao analisar a conjuntura do ensino em Fisioterapia no cenário brasileiro, enfatiza que o histórico modelo reabilitador da gênese da fisioterapia ainda se faz presente, embora o autor reconheça a existência de algumas iniciativas que vão de encontro a essa lógica. Para ele, a formação universitária deve estar próxima da promoção da saúde e da saúde coletiva.

A Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO), uma entidade que surgiu em 2001, em São Paulo, tem protagonizado as discussões inerentes ao ensino em Fisioterapia no País, principalmente através dos Fóruns Estaduais e Nacional de Ensino (ROCHA, 2014). Nos últimos anos, vem problematizando questões como o estágio curricular.

A entidade defende que o estágio é essencial para a formação em Fisioterapia. Além de promover a interação entre os atores diversos (da universidade e dos serviços), favorece o desenvolvimento de competências e habilidades primordiais à formação em Saúde. Diante disso, acredita-se que o estágio deve estar alinhado às transformações que acontecem na sociedade, principalmente no que se refere à formação de recursos humanos em Saúde. Para que isso seja possível, faz-se necessária a participação ativa do controle social nos espaços formais de discussões inerentes ao ensino em Fisioterapia (ARAÚJO *et al.*, 2010).

Nesse contexto, o presente artigo teve por objetivo relatar as potencialidades e os desafios inerentes à facilitação do processo de ensino-aprendizagem pelo docente e pelo preceptor, assim como a relação das características do processo educativo e da prática profissional, observados por um estudante durante o estágio curricular obrigatório do curso de Fisioterapia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública do Nordeste do Brasil.

MÉTODO

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência advindo da vivência do autor como estagiário do curso de Fisioterapia de uma IES do Nordeste do Brasil no ano de 2019. Esse tipo de estudo tem como característica a reflexão do autor, seja de uma ação isolada ou de um grupo de ações (CAVALCANTE; LIMA, 2012).

Para a coleta de dados, fez-se o uso da observação e do diário de campo. A técnica de observação possibilita o aperfeiçoamento do olhar crítico a respeito daquilo que se espera e do que é ofertado em uma vivência (FREITAS; SPAGNEL; CAMARGOS, 2006).

O diário de campo, enquanto instrumento de registro de experiências, desempenha um importante papel devido a sua possibilidade de unir a objetividade e a subjetividade em seus contextos teóricos ou práticos (SOARES *et al.*, 2011). Dentre as suas possibilidades, cita-se a anotação de sugestões para o aperfeiçoamento das práticas; o registro de lembranças de como lidar com situações parecidas com as vivenciadas; a escrita de percepções e sentimentos; o uso como instrumento de ressignificação das vivências (FREITAS; PEREIRA, 2018).

Esta ferramenta quando associada com a técnica de observação contribui com o aprimoramento de habilidades comunicacionais (comunicação escrita), além de favorecer a autocrítica e direcionar o olhar para aspectos inerentes à gestão, visto que, a cada momento de revisita aos registros, promove também novos olhares para a resolução de problemas e desafios registrados (FREITAS; SPAGNOL; CAMARGOS, 2006).

Os registros foram realizados no período de fevereiro (início do estágio) a dezembro (fim do estágio). As anotações eram feitas em uma agenda e, posteriormente, foram transcritas para um arquivo no *Google Docs*. Esses registros não seguiam roteiro pré-definido e aconteciam sempre que alguma prática – inerente aos processos de ensino-aprendizagem – nas relações docente-estagiário ou preceptor-estagiário, entre o estagiário, pacientes e cuidadores, e ainda, entre estes e o modelo de assistência à saúde vivenciado, chamava a atenção do autor.

Após a conclusão do estágio (em todos os níveis de densidade tecnológica) e de todas as anotações, as informações foram analisadas e categorizadas. Assim, esses conteúdos foram divididos em duas categorias analíticas: potencialidades e desafios.

Elencaram-se como potencialidades do estágio curricular as observações registradas que notoriamente dialogavam com as competências e as habilidades gerais e específicas das DCN/Fisioterapia, e, como desafios, o que não favorecia a formação em Fisioterapia, considerando as mesmas diretrizes (BRASIL, 2002).

O CONTEXTO DO ESTÁGIO CURRICULAR

No curso de Fisioterapia da IES que originou o presente artigo, o estágio curricular obrigatório possui uma carga horária total de 1000 horas, distribuídas em três contextos, sendo um no nível de densidade tecnológica primária (voltado para ações de prevenção e promoção da saúde), um no nível de densidade tecnológica secundária (nível especializado de assistência à saúde em que se insere o ambulatório) e o outro no nível de densidade tecnológica terciária (nível também especializado, com cuidados ambulatoriais e hospitalares que podem ser de média ou alta complexidade) (UNCISAL, 2016).

Como método para facilitar a aprendizagem dos discentes e a docência/preceptoria nos serviços de saúde, a turma foi dividida pela coordenação do estágio aleatoriamente em equipes de três e quatro pessoas. Dessa forma, a passagem por cada cenário de aprendizagem deu-se em uma média de vinte dias. Para ser aprovado no estágio curricular, o estudante precisava atingir a média sete (numa escala de zero a dez) em todas as áreas vivenciadas.

Em cada área de formação, as atividades contaram com a supervisão de docente e de preceptor(es), sendo eles os responsáveis pela avaliação discente. Esses eram guiados por um instrumento de avaliação que contemplava pontos, como a apresentação pessoal do estagiário; a ética nas relações interpessoais; a articulação dos saberes (domínio teórico do conteúdo); as habilidades (aplicação do conhecimento no contexto prático); e as atitudes (como motivação e proatividade). Os docentes poderiam incrementar outros aspectos avaliativos que julgassem pertinentes.

A estrutura do estágio supervisionado está representada na Figura 1.

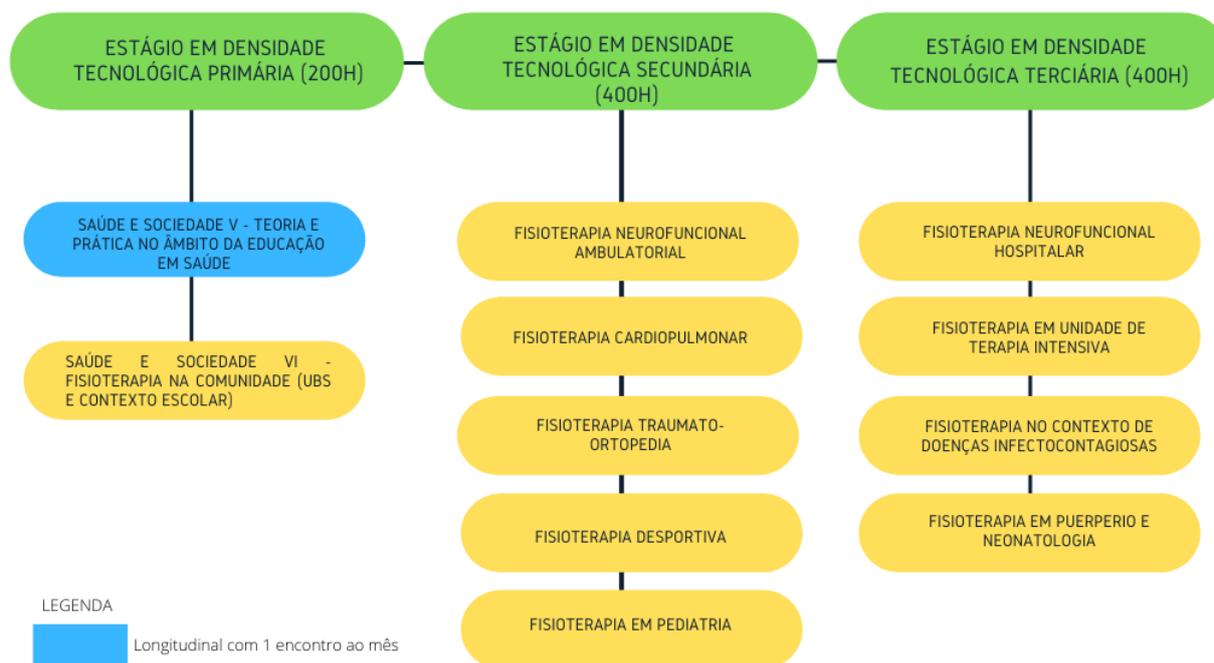


Figura 1 – Estrutura do estágio curricular.

Fonte: Adaptado de UNCISAL (2016).

O estágio no âmbito da densidade tecnológica primária foi dividido ao longo do ano em dois momentos distintos. O primeiro momento ocorreu em sala de aula, na universidade, com reuniões mensais que contaram com o estudo e a elaboração de estratégias para o desenvolvimento de ações de educação em saúde (UNCISAL, 2016). Cada grupo de discentes, baseado nas demandas percebidas nos campos de aprendizagem onde estavam inseridos ou por onde já passaram, deveriam planejar e executar uma ação de educação em saúde. Posteriormente, as equipes apresentavam (se utilizando de recursos como o canto, a dança, o teatro) a ação e os seus resultados para os demais estudantes durante os encontros mensais, no qual recebiam a devolutiva quanto aos objetivos da atividade e às metodologias utilizadas.

O segundo momento foi realizado em território, no bairro Pontal da Barra, em Maceió (AL), no contexto de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) e de um Centro Municipal de Educação Infantil. Em ambos os momentos, a carga horária foi de 100 horas cada, totalizando 200 horas (UNCISAL, 2016).

O estágio na esfera da densidade tecnológica secundária foi constituído por cinco cenários de aprendizagem, com carga horária total de 400 horas, sendo eles: Fisioterapia Neurofuncional ambulatorial; Traumato-Ortopedia; Desportiva; Cardiopulmonar; Pediatria. Esse rodízio ocorreu predominantemente na Clínica Escola da Universidade (UNCISAL, 2016).

Já em nível de densidade tecnológica terciária, foram compostos quatro cenários: Fisioterapia Neurofuncional hospitalar; Unidade de Terapia Intensiva (UTI); Puerpério e Neonatologia; Fisioterapia no contexto de doenças infectocontagiosas, perfazendo uma carga horária total de 400 horas. As atividades do estágio foram desenvolvidas no Hospital Escola, Maternidade Escola e Hospital Geral (UNCISAL, 2016).

A EXPERIÊNCIA

O ciclo do estágio curricular teve início com uma semana preparatória intitulada de “Semana acadêmica”, com o objetivo de acolher os estudantes e sanar dúvidas gerais quanto ao funcionamento e à organização didático-pedagógica do estágio. Nesta semana, o estagiário participou de palestras e rodas de conversa sobre temas como biossegurança e ética profissional nos serviços de saúde e, além disso, conheceu as generalidades de cada campo de prática.

O percurso formativo do discente no contexto ambulatorial se deu inicialmente no setor da Pediatria, posteriormente no setor de Cardiopulmonar, Traumato-Ortopedia, Desportiva, e, por último, no cenário de aprendizagem da Fisioterapia Neurofuncional ambulatorial.

Já no contexto hospitalar, a vivência do estagiário seguiu a seguinte ordem: Unidade de Terapia Intensiva (UTI); Fisioterapia Neurofuncional hospitalar; Fisioterapia no contexto de doenças infectocontagiosas; Puerpério e Neonatologia.

A dinâmica metodológica do estágio supervisionado era semelhante, embora alguns aspectos se destacassem individualmente por campo de prática, a saber, as metodologias de ensino utilizadas nas discussões científicas, a periodicidade das discussões, a emissão e a qualidade do *feedback* do docente ou do preceptor, o modelo de saúde predominante (se focado na condição de saúde e na reabilitação ou no contexto social como determinante em saúde e no modelo de funcionalidade) e a prática interdisciplinar.

Em relação ao processo de facilitação da aprendizagem nos cenários de prática do estágio curricular, de forma majoritária, houve supervisão direta por docente e preceptor simultaneamente, com exceção dos setores de Traumato-Ortopedia e Puerpério e Neonatologia, em que a prática curricular foi supervisionada apenas por docentes.

Em todos os cenários do estágio o estudante desenvolveu atividades de educação em saúde em nível individual (setores do ambulatório e alguns setores do eixo hospitalar) ou coletivo (em Neurofuncional hospitalar, Puerpério e Neonatologia e no estágio de Fisioterapia em Atenção Primária – APS).

No que se refere ao desenvolvimento de atividades com estagiários de outros cursos da Saúde da mesma IES, apenas o estágio em APS proporcionou esta prática interdisciplinar.

O desenvolvimento de competências e habilidades de comunicação, gestão e liderança se deu paulatinamente nos setores de prática, sendo mais perceptível a necessidade e o aprimoramento dessas competências no estágio hospitalar e de APS, visto a estrutura hierárquica dos serviços e os seus fluxos, e ainda, a diversidade de profissionais envolvidos no cuidado de uma mesma pessoa. Estes dois cenários eram menos previsíveis e controlados se comparados com o estágio no ambulatório (ambiente de maior familiaridade dos estudantes, em que são inseridos desde os anos iniciais do curso com frequência regular).

As potencialidades observadas no estágio curricular

Observaram-se as seguintes potencialidades no estágio curricular obrigatório (Quadro 1).

POTENCIALIDADES
<ul style="list-style-type: none">• As práticas eram supervisionadas por docentes, ou por pelo menos um(a) docente e um(a) preceptor(a), promovendo uma visão mista ao estagiário e facilitando a intersecção entre os conteúdos estudados e as possibilidades e os desafios do mundo do trabalho, já que boa parte dos docentes não atuam diretamente como Fisioterapeutas no mercado de trabalho;• Notou-se que a prática diária, em maior ou menor grau, relacionava-se com os conteúdos estudados em anos anteriores;• As discussões científicas ocorriam com frequência, e os temas eram pactuados com os estagiários. Elas aconteciam principalmente com fins de revisão de conteúdos e eram baseadas no perfil de pacientes do serviço, ao mesmo tempo que serviam como ferramenta de educação permanente para os docentes e preceptores;• Uso de metodologias ativas de ensino, como a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), nos processos de ensino-aprendizagem, evidenciadas no estágio em densidade tecnológica primária;• A prática da educação em saúde mostrou-se indissociável do cotidiano. Essas práticas se fizeram presentes antes dos atendimentos, em conversas com cuidadores; durante os atendimentos, quando demonstrando formas eficazes e simples de técnicas facilitadoras para o cuidado em casa; e após o atendimento, com a construção e a distribuição de recursos educativos para continuação do cuidado fora do espaço formal de terapia;

- Percebeu-se o início de uma movimentação entre docentes e estagiários para a mudança de abordagem ao paciente, de um modelo ainda centrado na reabilitação para um modelo de funcionalidade da Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF). O processo aconteceu com capacitações sobre a CIF e aplicação prática do modelo em alguns pacientes em atendimento nos setores, como a Pediatria, Neurofuncional ambulatorial, Fisioterapia no contexto de doenças infectocontagiosas e no estágio da atenção básica;
- Notou-se o desenvolvimento de competências e habilidades da comunicação verbal e não verbal em situações como: o registro da evolução dos pacientes no prontuário; o desenvolvimento de recursos educacionais em saúde; o acolhimento e o trabalho em equipe em todas as suas dimensões; as estratégias utilizadas em prol da ludicidade, da criação ou da manutenção de vínculo com os usuários (canto, dança, pintura, dramatização).
- Percebeu-se ainda o desenvolvimento de competências e habilidades de gestão, liderança e tomada de decisões nas situações mencionadas anteriormente. Esses exemplos provocaram a reflexão do quanto essas competências e habilidades se complementam;
- Foram realizadas práticas interdisciplinares no cenário de aprendizagem do Centro Municipal de Educação Infantil com estagiários e professores dos cursos de Terapia Ocupacional e Fonoaudiologia. Em equipes mistas, os estudantes planejavam, executavam e avaliavam a efetividade das ações junto aos professores supervisores dos três cursos envolvidos.

Quadro 1 – Potencialidades do estágio curricular.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Os desafios observados no estágio curricular

Como desafios do estágio, observaram-se os pontos abaixo, elencados no Quadro 2.

DESAFIOS
<ul style="list-style-type: none">• Superar as lacunas na formação pedagógica do Fisioterapeuta docente e preceptor para o exercício da supervisão no estágio, percebidas na dificuldade para elaboração e fornecimento de <i>feedbacks</i> durante e ao término do estágio no cenário de aprendizagem (momento em que geralmente são reunidos os estagiários para uma devolutiva). Os <i>feedbacks</i> muitas vezes eram focados no grupo, e não na individualidade do estagiário. Notou-se, ainda, que se priorizavam aspectos negativos em detrimento dos positivos;• Buscar o equilíbrio entre o processo de ensino-aprendizagem e a prática assistencial. Em

alguns cenários de aprendizagem, o alto fluxo de pacientes dificultava a discussão de casos e o aprofundamento de questões teórico-práticas pertinentes ao estágio, atrapalhando a consolidação do aprendizado;

- Integrar ensino (universidade) e serviço (cenários de aprendizagem de cada estágio). Percebeu-se que, em alguns momentos, principalmente na transição das equipes entre os cenários de aprendizagem, há um desconhecimento por parte dos serviços quanto à estrutura pedagógica do curso e à estrutura universitária. Tal fato resulta em práticas fragmentadas entre docente-estagiário e preceptor-estagiário;
- Indissociar o ensino-pesquisa-extensão da prática do estágio. A pesquisa e a extensão mostraram-se distantes dessa etapa de formação. O estágio curricular obrigatório parecia apenas um fim, e não um meio de conectar a universidade às demandas da população, por intermédio da extensão e da pesquisa socialmente referenciadas, ou seja, realizadas com a população e para a população, sem a verticalização de saberes e na perspectiva da educação popular em saúde;
- Expandir a formação interdisciplinar para outros setores do estágio (ambulatorial e hospitalar);
- Superar o modelo hegemônico do fazer saúde (modelo fragmentado e com foco na doença). Embora se tenha percebido iniciativas de mudança de abordagem ao paciente com a adoção do modelo de funcionalidade da CIF, em alguns cenários de aprendizagem, entende-se que o processo de transformação para uma nova perspectiva de fazer saúde vai além da mudança de protocolos institucionais.

Quadro 2 – Desafios do estágio curricular.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

DISCUSSÃO

No âmbito do estágio curricular, o docente e o preceptor (fisioterapeuta do serviço) desempenham papel crucial no processo formativo. Nessa perspectiva, a docência e a preceptoria em Fisioterapia são permeadas por inúmeros desafios. Para Costa *et al.* (2013, p. 183) “[...] o professor de Estágio do curso de Fisioterapia tem dupla função: compreender e ensinar as funções inerentes à prática fisioterápica e conduzir a instrumentalização dessa prática”.

A formação do fisioterapeuta docente é criticada por alguns autores brasileiros (SILVA *et al.*, 2015; BARROS; DIAS, 2016; TREVISIO; COSTA, 2017), que são enfáticos ao apontar a ausência de formação pedagógica para o exercício da docência, além de criticar suas experiências profissionais, que embora importantes, não são suficientes para a docência no magistério superior. Tal problemática expande-se a outras categorias profissionais, como a Enfermagem

e a Odontologia, por exemplo. Dallacosta (2020) pontua que as IES têm o dever de desenvolver e aperfeiçoar seus docentes, uma vez que suas boas práticas pedagógicas são refletidas na qualidade de formação dos estudantes.

Atuar como professor universitário é uma possibilidade profissional para bacharéis e, diante disso, defende-se a necessidade de que a sua formação inicial contemple aspectos pedagógicos, não terceirizando a responsabilidade da formação do professor para os cursos de especialização em modalidade *Lato Sensu* ou *Stricto Sensu* (BARROS; DIAS, 2016; FERREIRA JÚNIOR, 2008).

Diante desse contexto, quando existem lacunas nas entrelinhas da formação do fisioterapeuta docente, parecem dificultados elementos importantes para a formação acadêmica, tal qual preconizado pelas DCN/Fisioterapia (BRASIL, 2002), como, por exemplo, a emissão de *feedbacks* aos discentes, a descentralização do papel do professor no processo de ensino-aprendizagem e o incentivo ao protagonismo do aluno, a prática interdisciplinar, a indissociabilidade do tripé universitário, a educação permanente em saúde e a integração ensino-serviço.

Os *feedbacks* no cotidiano do estágio e nos momentos formais para esse fim mostraram-se como um nó crítico. Para Borges *et al.* (2014, p. 327), “O *feedback* deve ser encarado como um processo onde tanto o professor quanto o aluno se modificam nas atividades de ensinar e aprender, o que permite a criação de um ambiente propício à discussão de ideias e ao aprimoramento de habilidades”. Defende-se que um bom *feedback* deve considerar cinco pontos, devendo ser específico, oportuno (na hora certa), descritivo, respeitoso e assertivo (MONTES; RODRIGUES; AZEVEDO, 2019).

Outra ferramenta que corrobora com a formação universitária são as metodologias ativas de ensino. Essas metodologias são facilitadoras na formação de profissionais mais críticos e reflexivos. Além disso, vão de encontro a um modelo de ensino verticalizado, pois valorizam principalmente o protagonismo discente e a troca de saberes (OLIVEIRA *et al.*, 2015). As DCN da Fisioterapia recomendam que os projetos pedagógicos dos cursos sejam construídos na perspectiva da descentralização da figura do professor, colocando o estudante no centro da sua aprendizagem (BRASIL, 2002).

Pensar em aprimoramento e transformação dos fazeres nos processos de trabalho em saúde é pensar em cenários que corroboram com o Sistema Único de Saúde (SUS) enquanto ordenador da formação de recursos humanos em saúde, propiciando uma formação em Fisioterapia coerente com as DCN (BRASIL, 1990; 2002). Nesse sentido, a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), instituída em 2004, desempenha um papel crucial enquanto marco político reorientador da formação na e para a saúde (BRASIL, 2004). Na

prática, a PNEPS trouxe contribuições importantes para a educação na saúde, mas ainda carece de estratégias que aprimorem e consolidem a integração ensino-serviço, o que exige esforços de todos os atores envolvidos (universidade, serviço e comunidade) (BRASIL, 2018).

Na centralidade dessa discussão, emergem os desafios do fisioterapeuta que atua como preceptor. No estudo de Dias *et al.* (2015), por exemplo, verificou-se que nem sempre há o compartilhamento do plano de ensino elaborado pelos professores com os profissionais dos serviços, gerando lacunas no processo de ensino-aprendizagem. Os autores defendem que deve haver um clima de parceria entre as instituições de ensino e os serviços de assistência que são cenários de estágio. Para Gauer *et al.* (2018), “Construir estratégias de ensino-aprendizagem contínuas e planejar as atividades conjuntamente com os profissionais do serviço são ações que o curso de [...] Fisioterapia precisa desenvolver para avançar no processo de reorientação da formação”.

Além dessa problemática, parece haver uma sobrecarga no trabalho do preceptor. Para Izecksohn *et al.* (2017), faz-se necessário um equilíbrio entre as atividades assistenciais e de preceptoria para que o aprendizado discente não seja comprometido. São ações que poderiam contribuir com o incentivo desses profissionais e com a diminuição da sobrecarga: capacitações pedagógicas, incentivos financeiros e carga horária específica para exercer a preceptoria (LACERDA; TELES; OMENA, 2019). Esses fazeres dialogam com os preceitos da DCN/Fisioterapia.

A atuação interdisciplinar é uma das competências e habilidades específicas da formação em Fisioterapia (BRASIL, 2002). Essa prática, no que lhe concerne, é reforçada no Projeto Político Pedagógico do curso de Fisioterapia em questão, e, para alcançar esse objetivo, existem disciplinas comuns que são cursadas com estudantes de outros cursos da Saúde (Enfermagem, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional). Entretanto, essa interdisciplinaridade mostrou-se distante da prática do estágio, sendo percebida em apenas um dos dez setores vivenciados. Segundo Silva, Santos Júnior e Ribeiro (2019), para efetivar a formação interdisciplinar, a instituição de ensino deve criar condições para tal, como, por exemplo, capacitar os atores envolvidos na proposta.

Consta, ainda, como um importante desafio observado no estágio a indissociabilidade do tripé universitário (ensino-pesquisa-extensão). Essa tríade, segundo Chesani *et al.* (2017, p. 459), “[...] convoca os docentes e os discentes universitários à articulação de saberes: o saber da experiência, o saber do conhecimento e o saber pedagógico”. Essa desarticulação corrobora com a manutenção de um modelo de saúde cada vez mais fragmentado, especializado, biologicista (com foco na abordagem da doença) e distante do perfil de fisioterapeuta idealizado pelas diretrizes curriculares.

Dentre as práticas observadas que favorecem a mudança de paradigmas no perfil de formação em Fisioterapia, destacam-se a introdução gradual do modelo de funcionalidade da Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF) na abordagem ao paciente, a marcante presença da educação em saúde nos diversos cenários de aprendizagem e a prática interdisciplinar no contexto do Centro Municipal de Educação do rodízio em atenção primária.

Lima E. F. *et al.* (2019), ao relatarem as contribuições do estágio extracurricular na formação em Fisioterapia, destacam a superação do olhar para a reabilitação frente ao paciente como um dos seus principais desafios e, assim, apontam a importância de esse estudante desenvolver competências que facilitem uma abordagem integral, que considerem a subjetividade do sujeito e os fatores determinantes e condicionantes em saúde. O modelo de funcionalidade da CIF corrobora com tal necessidade.

Em um estudo realizado com acadêmicos de Fisioterapia, verificou-se que os estudantes possuíam um baixo nível de conhecimento sobre a CIF, o que reforça a necessidade e a importância da sua abordagem teórica e prática durante a graduação (BELMONTE; CHIARADIA; BELMONTE, 2015). Esse problema também foi evidenciado em um estudo realizado com profissionais da saúde, denotando os desafios para implementação e consolidação da CIF após mais de uma década de sua publicação pela Organização Mundial de Saúde (ANDRADE *et al.*, 2017).

As atividades de educação em saúde destacaram-se ao longo do percurso formativo. Sobre uma das atividades de educação em saúde realizada no estágio curricular, Lima E. S. *et al.* (2019) relatam como uma das contribuições o seu potencial de geração de reflexões quanto ao papel da formação universitária diante dos desafios do SUS. Além disso, enfatizam que, ao propiciar espaços de diagnóstico, planejamento e execução de atividades educativas em saúde, favorece-se o entendimento da intersecção entre a saúde coletiva e a Fisioterapia. Pode-se dizer que esses fazeres corroboram com o modelo de fisioterapia coletiva defendido por Bispo Júnior (2010), em outras palavras, mais próximo da promoção de saúde do que da reabilitação.

O desenvolvimento de competências e habilidades de comunicação, gestão e liderança observados na vivência do estágio são primordiais para a atuação do fisioterapeuta, isso porque dentre as responsabilidades destes profissionais estão: a gerência da assistência fisioterapêutica ao usuário; o planejamento e a execução de atividades de promoção e prevenção em saúde, seja em caráter individual ou coletivo; o estímulo à população e a participação na construção e no acompanhamento das políticas públicas enquanto controle social; a liderança de equipes (BRASIL, 2002; COSTA; MONTAGNA, 2015).

Segundo Costa e Montagna (2015) há uma carência de componentes curriculares em cursos de graduação em Fisioterapia do país que favoreçam a aquisição de competências de gestão. São ações no âmbito do ensino que podem colaborar com tal necessidade o uso de metodologias ativas e pautadas na problematização, como, por exemplo, a utilização de estudos de caso para o aprendizado de políticas públicas em saúde, elaboração de diagnósticos situacionais e de planejamento estratégico situacional (LIMA; CARVALHO, 2019; SILVA *et al.*, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se, ao longo das experiências, algumas contradições teórico-práticas para um estágio alinhado às Diretrizes Curriculares Nacionais da Fisioterapia. Dentre elas, a mais evidente foi a problemática da formação do Fisioterapeuta para atuação como docente ou preceptor, considerando a pluralidade dos cenários de aprendizagem e a complexidade do processo ensino-aprendizagem discente. Esse problema impacta de forma direta no estágio.

Sob outra perspectiva, verificou-se que iniciativas exitosas no quesito práticas pedagógicas aconteceram, mesmo que timidamente. Em alguns cenários de aprendizagem, destacou-se a potencialidade das atividades de educação em saúde e a suas indissociabilidades da prática cotidiana no estágio, independente se o estágio acontecia em nível de atenção secundária ou terciária em saúde. Essas iniciativas mostram-se como uma esperança de transformação frente à conjuntura do ensino em Fisioterapia no Brasil e às necessidades do SUS.

Como limitação deste artigo, cita-se o fato de tratar-se da visão de apenas um estudante diante da prática do estágio curricular, e da não utilização de critérios objetivos para a observação e sistematização das informações da vivência. Diante disso, sugere-se a realização de estudos que investiguem o processo ensino-aprendizagem dos discentes e a suas visões em relação ao estágio curricular de cursos de Fisioterapia nas diversas regiões do Brasil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luiz Eduardo Lima de *et al.* Avaliação do nível de conhecimento e aplicabilidade da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 41, p. 812-823, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711411>. Acesso em: 12 fev. 2020.

ARAÚJO, Francisca Rêgo Oliveira de *et al.* Estágio curricular para os cursos de graduação em fisioterapia: recomendações da Abenfisio. *Fisioterapia Brasil*, São Paulo, v. 11, n. 5, 2010. Disponível em:

<http://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/download/1595/2743>. Acesso em: 04 mar. 2020.

BARROS, Conceição de Maria Pinheiro; DIAS, Ana Maria Iorio. A formação pedagógica de docentes bacharéis na educação superior: construindo o Estado da Questão. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 54, n. 40, p. 42-74, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2016v54n40ID9848>. Acesso em: 6 fev. 2020.

BELMONTE, Luana Meneghini; CHIARADIA, Luana Carla Nardelli; BELMONTE, Luiz Augusto Oliveira. CIF nos cursos de graduação de Fisioterapia da grande Florianópolis. *Revista CIF Brasil*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2015. Disponível em: <http://www.revistacifbrasil.com.br/ojs/index.php/CIFBrasil/article/view/12/23>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BISPO JÚNIOR, José Patrício. Formação em fisioterapia no Brasil: reflexões sobre a expansão do ensino e os modelos de formação. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 655- 668, set. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700074>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BORGES, Marcos C. *et al.* Avaliação formativa e feedback como ferramenta de aprendizado na formação de profissionais da saúde. *Medicina (online)*, Ribeirão Preto, v. 47, n. 3, p. 324-331, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v47i3p324-331>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BRASIL. Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, 20 set. 1990; Seção 1.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em fisioterapia. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 4 mar. 2002.

BRASIL. Portaria nº 198/GM/MS, de 13 de fevereiro de 2004. Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde como estratégia do Sistema Único de Saúde para a formação e o desenvolvimento de trabalhadores para o setor e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 2004; 14 fev.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. *Diário Oficial da União*, Poder executivo, Brasília, 26 set. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 4 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. *Política Nacional de Educação Permanente em Saúde: o que se tem produzido para o seu fortalecimento?* rev. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2018.

CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *Journal of Nursing and Health*, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 94-103, 2012.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3447/2832>.

Acesso em: 5 fev. 2020.

CHESANI, Fabiola Hermes *et al.* A indissociabilidade entre a extensão, o ensino e a pesquisa: o tripé da universidade. *Revista Conexão UEPG*, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 452-461, 2017.

DOI: <https://doi.org/10.5212/Rev.Conexao.v.13.i3.0008>. Acesso em: 24 fev. 2020.

COFFITO – CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. *Resolução nº 431*. Dispõe sobre o exercício acadêmico de estágio não obrigatório em fisioterapia. Brasília, 2013a. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3193>. Acesso em: 4 mar. 2020.

COFFITO – CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. *Resolução nº 432*. Dispõe sobre o exercício acadêmico de estágio não obrigatório em fisioterapia. Brasília, 2013b. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3194>. Acesso em: 4 mar. 2020.

COSTA, Carla Regina Soares.; MONTAGNA, Erik. A formação acadêmica do fisioterapeuta para sua atuação na gestão em saúde. *ABCS Health Sciences*, Santo André, v. 40, n. 3, 21 dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.7322/abcshs.v40i3.804>. Acesso em: 21 jul. 2020.

COSTA, Elisangela André da Silva *et al.* O estágio curricular supervisionado no curso de Fisioterapia: reflexões a partir do olhar dos docentes. *Revista Expressão Católica*, Quixadá, v. 2, n. 2, jun. 2013. Disponível em:

<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/1328>.

Acesso em: 20 mai. 2020.

DALLACOSTA, Fabiana Meneghetti. Docência em saúde: breve reflexão sobre esta prática profissional. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, Santos, v. 12, n. 26, p. 8-17, 2020. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/936/pdf>. Acesso em: 14 mai. 2020.

DIAS, Apio Ricardo Nazareth *et al.* Preceptoria em saúde: percepções e conhecimentos dos preceptores de uma unidade de ensino e assistência. *Educação Online*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 84-99, 2015. Disponível em: <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/176>. Acesso em: 23 jul. 2020.

FERREIRA JÚNIOR, Marcos Antonio. Os reflexos da formação inicial na atuação dos professores enfermeiros. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 61, n. 6, p. 866-871, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000600012>. Acesso em 11 fev. 2020.

FREITAS, Mateus; PEREIRA, Eliane Regina. O diário de campo e suas possibilidades. *Quaderns de Psicologia*, Barcelona, v. 20, n. 3, p. 235-244, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>. Acesso em: 23 jul. 2020.

FREITAS, Maria Édila Abreu; SPAGNOL, Carla Aparecida; CAMARGOS, Anadias Trajano. Observação e diário de campo: técnicas utilizadas no estágio da disciplina Administração em Enfermagem. *Revista Baiana de Enfermagem*, Salvador, v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v1i1.3899>. Acesso em 23 jul. 2020.

GAUER, Ana Paula Maihack *et al.* Ações de reorientação da formação profissional em Fisioterapia: enfoque sobre cenários de prática. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 22, n. 65, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0852>. Acesso em: 20 mai. 2020.

IZECKSOHN, Mellina Marques Vieira *et al.* Preceptoria em Medicina de Família e Comunidade: desafios e realizações em uma Atenção Primária à Saúde em construção. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, p. 737-746, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017223.332372016>. Acesso em: 23 fev. 2020.

LACERDA, Lusineide Carmo Andrade; TELES, Roxana Braga de Andrade; OMENA, Cristhiane Maria Bazílio de. Estágio supervisionado: Percepção do preceptor sobre o processo de ensino-aprendizagem em um hospital de ensino. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 574-591, 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i2p574-591>. Acesso em: 23 fev. 2020.

LIMA, Edna Franco de *et al.* Contribuições do estágio não obrigatório para a vivência prática em fisioterapia; perspectivas e desafios: um relato de experiência/Contributions of the non-obligatory stage to practical living in physiotherapy; outlook and challenges: a report of experience. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 5, n. 12, p. 30376-30382, 2019. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n12-161>. Acesso em: 18 mai. 2020.

LIMA, Erivaldo Santos de; CARVALHO, Vanessa Lôbo de. Perspectiva do discente monitor na construção de estudos de caso em saúde no curso de Fisioterapia. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, Pombal, v. 9, n. 3, p. 37-43, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18378/rebes.v9i3.6598>. Acesso em: 21 jul. 2020.

LIMA, Erivaldo Santos de *et al.* Educação em saúde para o fortalecimento do controle social no Sistema Único de Saúde. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, Pombal, v. 9, n. 4, p. 98-104, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18378/rebes.v9i4.7000>. Acesso em: 18 mai. 2020.

MONTES, Lorena de Godoi; RODRIGUES, Cibele Isaac Saad; AZEVEDO, Gisele Regina de. Avaliação do processo de feedback para o ensino da prática de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 72, n. 3, p. 663-670, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0539>. Acesso em: 6 fev. 2020.

OLIVEIRA, Dafylla Kelly Silva *et al.* A arte de educar na área da saúde: experiências com metodologias ativas. *Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 2, n. 1, 2015. Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/60/61>. Acesso em: 7 fev. 2020.

ROCHA, Vera Maria da. Aprendendo a aprender: fazeres da Abenfisio no processo de formação do fisioterapeuta. *Cadernos de educação, saúde e fisioterapia*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/cadernos-educacao-saude-fisioter/article/view/2358-8306.v1n1.2014.p002>. Acesso em: 4 mar. 2020.

SILVA, Danyelle Shyrlley dos Santos da *et al.* Planejamento estratégico situacional e saúde da população indígena: experiência na graduação em Fisioterapia. *Diversitas Journal*, Santana do Ipanema, v. 5, n. 3, p. 1805-1817, 5 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i3-1138>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SILVA, Grasiela Garrett da *et al.* Formação inicial de professores na enfermagem, fisioterapia e odontologia. *Saúde & Transformação Social/Health & Social Change*, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 118-128, 2015. Disponível em: <http://stat.saudeetransformacao.incubadora.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/articloe/view/3038>. Acesso em 06 fev. 2020.

SILVA, John Victor dos Santos; SANTOS JÚNIOR, Claudio José dos; RIBEIRO, Mara Cristina. Ensino integrado em Saúde e prática interprofissional: uma experiência na graduação. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 9, e014820, p. 1-14, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2019.14820>. Acesso em: 24 fev. 2020.

SOARES, Amanda Nathale *et al.* O diário de campo utilizado como estratégia de ensino e instrumento de análise do trabalho da enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 13, n. 4, p. 665-70, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v13i4.10415>. Acesso em: 5 jan. 2020.

TREVISIO, Patrícia; COSTA, Bartira Ercília Pinheiro da. Percepção de profissionais da área da saúde sobre a formação em sua atividade docente. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-9, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005020015>. Acesso em: 6 fev. 2020.

UNCISAL – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Fisioterapia. Maceió: UNCISAL, 2016. Disponível em: <https://proeg.uncisal.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/PPC-FISIOTERAPIA-2016.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Erivaldo Santos de Lima

Graduação em Fisioterapia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). Durante a graduação, atuou como representante discente na Comissão Própria de Avaliação (2016-2018); Colegiado do Curso de Fisioterapia (2016-2019), Conselho Superior Universitário (2017-2019). São áreas de interesse: saúde coletiva e a interface com a Fisioterapia; ensino na saúde.

erivaldolimah@gmail.com